

AS ADVERSIDADES ACERCA DAS DIFERENÇAS SOCIOECONÔMICAS E CULTURAIS: REFLEXÃO PARA A SUPERAÇÃO

Sandra Depizzol Kellermannⁱ
Orientadora: Ms. Lidiane Soaresⁱⁱ

RESUMO

O objetivo principal desta pesquisa é reforçar a importância de ter espaços de discussão na Educação de Jovens e Adultos (EJA) acerca das diferenças socioeconômicas e culturais na sociedade e questionar a manutenção destas diferenças. Convida também a refletir sobre as possibilidades que a Educação de Jovens e Adultos (EJA) pode oferecer para ampliar a percepção de mundo dos estudantes, na busca da valorização da vida e do desenvolvimento humano. Diante das diferenças socioeconômicas e culturais na sociedade, questiona-se o modelo de mundo atual, buscando a emancipação do estudante para uma leitura crítica deste modelo. O método usado foi de pesquisa exploratória, a partir de entrevista feita com cinco estudantes do segundo segmento da EJA da E.B.M. José Amaro Cordeiro na cidade de Florianópolis. Como principais resultados, constatou-se que os estudantes mantêm relações de parceria com seus professores; que apesar de valorizarem a aquisição do conhecimento, a influência para adquirirem produtos tem uma grande força sobre o estudante, sendo assim, o fator econômico tem uma importância significativa nas suas escolhas; 80 % dos entrevistados estão insatisfeitos com o modelo socioeconômico do nosso país; quanto ao aspecto musical constatou-se uma rica variedade de gêneros musicais apreciados pelos estudantes. Esta variação se deve a diferenças culturais e oportunidades sociais vivenciadas pelos estudantes.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos (EJA). Diferenças socioeconômicas e culturais. Desenvolvimento humano. Oportunidades sociais. Emancipação.

1 INTRODUÇÃO

Apesar da lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996 ter garantido o direito à educação básica para todas as idades; os dados do IBGE de 2010 nos apontam que cerca de ainda 15 milhões de brasileiros são analfabetos, sendo que metade da população não concluiu o ensino fundamental (60 milhões). O pesquisador Arroyo (2005) apud Gonçalves (2014, p.21) reflete sobre a questão da vulnerabilidade que as pessoas que não foram escolarizadas vivem, e sendo assim este direito por lei à educação também é vulnerável. Segundo o autor, “[...] trata-se de não separar este direito das formas concretas em que ele é negado e limitado no conjunto da negação dos seus direitos e na vulnerabilidade e precariedade de suas trajetórias humanas”.

As políticas públicas implantadas ainda são insuficientes para a demanda dos setores da sociedade, não só na educação, mas também na saúde, no trabalho, no lazer e na cultura em

geral. O principal motivo por este cenário na educação existir, pode ser por se fazer parte de um projeto político neoliberal injusto, que separa os homens pela sua condição de ter. Um sistema que desqualifica o ser humano, tratando-o na condição de objeto, massificando a sociedade, desconsiderando os sujeitos na sua diversidade cultural, na sua identidade.

Este artigo tem como objetivo geral reforçar a importância de se ter espaços de discussão na Educação de Jovens e Adultos (EJA) acerca das diferenças socioeconômicas e culturais na sociedade e questionar a manutenção destas diferenças. Para chegar a este objetivo foi averiguado como os alunos de uma instituição da EJA sentem-se no seu papel de estudantes; também buscou-se investigar a influência do modelo socioeconômico na vida do estudante e saber se ele está satisfeito ou insatisfeito com este modelo socioeconômico. Finalmente quis-se procurar identificar a influência da mídia na preferência musical dos alunos da EJA.

Justifica-se a presença da música nesta pesquisa, porque a autora do presente texto tem formação em Educação Artística com habilitação em Música. Sua área de estudo e trabalho estão relacionados à área musical. Segundo a lei nº 11.769 sancionada em 18 de agosto de 2008 a música deve ser oferecida em todas as escolas dentro do prazo de três anos a partir da implantação da lei. Sendo a EJA uma modalidade da educação básica, entende-se que a música deve estar em algum momento do curso sendo oferecida na disciplina de artes.

A relevância social desta pesquisa está na necessidade de promover transformações sociais a partir da conscientização do mundo que temos e qual mundo queremos alcançar, ou na menor das hipóteses aprendermos a não fazermos parte deste desacordo, da “nova ordem mundial” ou ainda aprendermos a enxergar novos ângulos e possibilidades dentro da política vigente. Criar espaços nos grupos da EJA com formatos que favoreçam o desenvolvimento humano e consequentemente a valorização da vida.

Também pode servir como meio de denunciar a negação do governo no atendimento e no apoio aos 60 milhões de brasileiros sem o ensino fundamental. Segundo Gonçalves (2014) este não é um problema exclusivo de um local ou estado, ele acontece em todo país. Os índices de evasão e redução das matrículas nos cursos de EJA têm uma abrangência nacional, os dados do Censo Escolar 2012 mostram que nos últimos oito anos as matrículas na EJA caíram mais de um milhão.

2 REFLEXÃO SOBRE OS EFEITOS DA POLÍTICA NEOLIBERAL NA VIDA DO ESTUDANTE DA EJA

Nos estudos do sociólogo Bourdieu (2009) o autor afirma que cada pessoa traz consigo uma bagagem socialmente herdada. Tal bagagem é formada pelo capital econômico, que seria a condição de poder usufruir ou não dos bens e serviços proporcionados pelo fator econômico; pelo capital social, visto nas relações influentes que a família mantém, pelo capital simbólico e pelo capital cultural; este, manifestado no modo objetivado, institucionalizado e no modo incorporado. O capital cultural objetivado designa a posse de objetos culturalmente valorizados como os livros e as obras de arte. O institucionalizado é aquele formado pelos títulos obtidos através da escola; e o capital cultural "incorporado" seria o patrimônio cultural transmitido pela família fazendo parte também a cultura geral da pessoa, domínio maior ou menor da língua culta, gosto estético, vestuário, hábitos e formas de expressão. "[...] do ponto de vista de Bourdieu, o capital cultural constitui (sobretudo, na sua forma incorporada) o elemento da herança familiar que teria o maior impacto na definição do destino escolar." (NOGUEIRA, 2009 p.52).

Para Bourdieu (2009) a questão econômica do estudante não teria um peso relevante sob seu rendimento escolar, porém a herança cultural familiar teria um peso maior; pois o entendimento dos códigos e conteúdos escolares seriam compreendidos na sala de aula com naturalidade sem estranhamento, uma vez que na família já tivesse tido a vivência desta cultura, e também os esquemas mentais formados nas relações familiares (os modos de compreender o mundo) favoreceriam para a compreensão da cultura escolar. Para o autor a posse do capital cultural favorece o êxito escolar.

O perfil cultural dos estudantes da EJA é da classe popular, a maioria são trabalhadores e filhos de trabalhadores, portanto, na visão de Bourdieu (2009) não tiveram um capital cultural “qualificado” pela sociedade e cultura escolar, oferecido na família, que colaborasse na compreensão dos conteúdos escolares. Hoje se tem uma visão mais aberta sobre a questão de conteúdos. Antes de ser um conteúdo, deve ter um significado, uma importância para aquele que irá aprender.

Acredita-se que a sala de aula da EJA deva ser um espaço de relações dialógicas, de acolhimento, de humanização, de reafirmação da capacidade de aprender e de superar obstáculos muitas vezes construídos na infância, quando foram excluídos da escola. “A dialogicidade é uma exigência da natureza humana, de um lado; de outro, um reclamo da opção democrática do educador” (FREIRE, 2013, p.130). Um espaço onde haja um interesse

em saber mais da vida das pessoas que ali estão envolvidas. Paulo Freire (2011) alerta que para problematizarmos as práticas pedagógicas, é preciso ouvir as histórias de vida das pessoas que farão parte da construção do saber.

Mesmo estando oficialmente estabelecido por lei o direito à educação básica para todas as idades, os dados do IBGE de 2010 constatam que cerca de ainda 15 milhões de brasileiros são analfabetos, sendo que metade da população não concluiu o ensino fundamental. O governo deve assegurar as condições básicas para que este direito seja cumprido. A autora Gonçalves (2014, p.21) apud Arroyo (2005, p.24) nos leva a refletir sobre este direito na citação abaixo.

Diante da vulnerabilidade de suas vidas, o direito à educação foi e continuará sendo vulnerável. Consequentemente, não se trata de secundarizar a universalização do direito ao ensino fundamental para esses jovens-adultos. Trata-se de não separar este direito das formas concretas em que ele é negado e limitado no conjunto da negação dos seus direitos e na vulnerabilidade e precariedade de suas trajetórias humanas.

Na verdade sabe-se que os maiores problemas que envolvem a educação e em especial a EJA, podem ser decorrentes da forma como está estruturada a economia no país. Pode-se supor que enquanto a política neoliberal ser o modelo de economia irá continuar com todas as injustiças sociais e seus reflexos negativos em toda sociedade. Este modelo econômico não pretende desenvolver o ser humano, pelo contrário, ele se serve do ser humano como produto, aproveitando-se de todas as estratégias para manipular as pessoas, para explorá-las, desrespeitando os direitos humanos e o planeta como um todo.

2.1 Procurando compreender o funcionamento do Neoliberalismo

No mercado neoliberal a liberdade econômica é conquistada pelo “mercado concorrencial”, onde são lançadas as aptidões, sorte, empenho de cada um, destacando as diferenças nas relações. Nesta visão a desigualdade é vista como um mal necessário para a alavanca do desenvolvimento, a concorrência do mercado seria o motor de arranque para o progresso. Entende-se que os neoliberais de hoje que propõem um Estado mínimo e o mercado livre seriam os herdeiros do pensamento clássico liberal (séc. XVIII e séc. XIX). Tanto em um como no outro existe a proposta de minimizar a intervenção do Estado. Pode-se refletir o panorama da política neoliberal no texto de ARANHA (2006, p.243).

O neoliberalismo expandiu-se por meio da economia globalizada, favorecendo acordos entre nações [...] por privilegiar os interesses dos países hegemônicos, a globalização recebe crítica de grupos da sociedade civil, na defesa de uma solução alternativa, mais democrática, que não se cumpra à custa dos países periféricos, como tem ocorrido.

Existe um direcionamento por parte dos organismos internacionais, entre eles a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura (UNESCO), em formar os estudantes em geral, inclusive os da EJA dentro da Pedagogia do “aprender a aprender”, na perspectiva da Pedagogia das Competências. Nesta pedagogia se aplica a teoria do capital humano como concepção de aprendizagem, onde a formação humana é direcionada para o mercado de trabalho, nela o homem é visto como produto. Torna-se mercadoria de desenvolvimento para suprir o mercado. Coan (2014) nos esclarece que esta teoria foi desenvolvida por um economista americano de sobrenome Schultz no ano de 1968. Nela esta embutida à estreita ligação entre o ganho da produtividade e a qualificação no setor humano por meio da educação.

A teoria do capital humano desconsidera o desenvolvimento do ser humano nas várias dimensões (visão omnilateral aplicada à educação integral). Atribui ao indivíduo a culpa de seu fracasso, justifica que os melhores chegarão ao topo, basta se esforçarem para serem competentes. Mascara as diferenças e oportunidades desiguais entre os homens na sociedade. Esta ideia fortalece a competição, a exploração humana, o individualismo e a permanência da estrutura de classes e conseqüentemente a continuação das diferenças e injustiças.

2.2 Outras formas de economia aplicadas ao trabalho

Como modo de superação deste modelo de mercado, temos a economia solidária. Trata-se de uma organização coletiva de um grupo de associados que buscam um mundo mais justo e igual. O cooperativismo é uma das formas de organização de economia solidária. As cooperativas organizam-se a partir de um modelo econômico solidário entre um grupo de pessoas com objetivos comuns.

O modelo de cooperativismo é uma forma de vivermos de um modo mais equilibrado, sustentável e com mais dignidade humana. De acordo com o pesquisador Gadotti, economia solidária é vista como “estratégia de enfrentamento da exclusão e da precarização do trabalho tendo como princípios a cooperação, a solidariedade, a participação e a valorização do ser humano e do meio ambiente” (GADOTTI, 2009, p.106 apud HICKENBICK, 2014 p.18).

É preciso que sejam mostrados aos jovens, os empreendimentos que estão dando certo e que estes sirvam de incentivo para criação de trabalho mais humano que valorize também o processo de desenvolvimento da pessoa. Ressalta-se que o modelo cooperativista tem como um de seus princípios, a questão da responsabilidade socioambiental. Existe uma preocupação com o ser humano e seu ambiente, a questão ética está à frente. O poder é descentralizado e a responsabilidade da gestão é coletiva.

No texto escrito por BITTENCOURT, 2014 apud HICKENBICK, 2014 são refletidos sobre a falta de um modo de vida sustentável que traga benefícios ao meio ambiente. No texto é abordado sobre o fomento do mercado para o consumo sem necessidade. Questiona-se esta prática por ela causar perdas irreparáveis para vida humana e de outros seres vivos. Considera-se a existência de um incentivo para o desperdício de matéria prima e de tempo de serviço com supérfluos, modismos do mercado, justificados pela ganância e vaidade desmedida do homem. Desconsiderando assim os compromissos sociais e ambientais.

Pode-se trazer como exemplo a indústria de eletrônicos. Em matéria na revista National Geographic, outubro de 2013 é feito um relato sobre a exploração de minérios, na República Democrática do Congo (maior país da África subsaariana), para serem usados em aparelhos eletrônicos. A imagem na matéria mostra as condições sub-humanas, o sacrifício de milhares de pessoas em meio a violência e a miséria.

Neste mercado competitivo, não é valorizado o ser humano na sua singularidade única; existe um incentivo a padronização dos produtos, as pessoas são ideologicamente conduzidas; a massa que não pensa por si, é conduzida a pensar como a indústria quer. O pesquisador Adorno (1995, p.155) se refere a um atraso da nossa civilização não só pelo fato da grande maioria não ter experimentado uma educação formal, mas porque muitas pessoas se encontram ainda embrutecidas, agressivas, com um “ódio primitivo”. Nas palavras do autor:

Entendo por barbárie algo muito simples, ou seja, que, estando na civilização do mais alto desenvolvimento tecnológico, as pessoas se encontram atrasadas de um modo peculiarmente disforme em relação a sua própria civilização.

Pensando sobre isto, acredita-se que não é aceitável que este quadro social de diferenças se naturalize. É preciso promover espaços de discussão onde seja refletido a respeito da realidade social; amadurecendo esta ideia no interior da escola. Pode-se aproveitar

a bagagem musical que cada jovem e adulto traz e contextualizar suas letras. Muitas delas fazem esta denúncia social com propriedade, mostram a realidade de fato como é, cantam em versos suas adversidades. Principalmente através da música podemos celebrar a vida.

3 JUSTIFICANDO A PRESENÇA DA DISCIPLINA ARTES – MÚSICA NO CURRÍCULO DA EJA

Através das leituras e reflexões sobre o movimento da EJA e do PROEJA constata-se os elevados índices de desistência, bem como, uma redução nos números de matrículas para o Ensino Fundamental e Médio. Em Santa Catarina, os resultados das pesquisas sobre a matrícula na EJA entre os anos 2007 e 2012, indicam uma queda significativa nos números de procura desta modalidade de ensino. No ano de 2007 foram inscritos 67.084 estudantes matriculados no ensino fundamental, em comparação, em 2012 o número das inscrições caiu para 35.402 matrículas no ensino fundamental. Fonte: Santa Catarina (2013).

Acredita-se que existam vários motivos envolvidos que influenciam este quadro de desistência nos cursos da EJA. A disciplina Artes - Música presente no currículo da EJA pode ser uma forma de incentivar o estudante e contribuir para sua permanência no curso. Sabe-se através da história que a música fez parte da educação em vários lugares e épocas do mundo. Na Grécia antiga antes de Cristo, na sociedade ateniense a educação contemplava um programa comprometido com a formação nas diferentes dimensões humanas e neste programa a música tinha um valor especial.

A música pode fazer parte de projetos com as diferentes disciplinas do currículo, integrando as pessoas nos trabalhos coletivos; as letras trabalhadas podem trazer conteúdos significativos, despertar a crítica, a procura do bem e da justiça, contribuindo assim para a promoção da cidadania. Podemos usar a música como uma rica ferramenta para fortalecer o grupo de estudantes e assim promover a permanência dos mesmos na EJA.

3.1 Música: uma oportunidade de ampliar nossa visão de mundo e refletir sobre ele

Hoje a disciplina Arte é conteúdo obrigatório na EJA. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394 de 20 de dezembro de 1996 estabeleceu no art.26, §2º que: “O ensino de Arte constituirá componente obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.” Sendo que a disciplina Arte

engloba os conteúdos de Música, Artes Visuais, Teatro e Dança. Mais tarde temos mais uma vez a reiteração da obrigatoriedade do ensino de artes na EJA, documentado na Resolução CNE/CEB n.º1, Art. 18, de 5 jul. 2000:

Respeitando o Art. 5º desta resolução, os cursos de Educação de Jovens e Adultos que se destinam ao Ensino Fundamental deverão obedecer em seus componentes curriculares aos Arts. 26,27,28,35 e 36 na LDB e às Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio.

O ensino da música esteve por alguns anos afastados do currículo das escolas públicas brasileiras; atualmente ele retorna como conteúdo obrigatório na Educação Básica (Educação Infantil e Ensino Fundamental) constituída na disciplina Arte. A lei nº 11.769 sancionada em 18 de agosto de 2008 determina que a música deva ser oferecida em todas as escolas dentro do prazo de três anos a partir da implantação da lei. Sendo a EJA uma modalidade da educação básica, entende-se que a música deve estar em algum momento do curso sendo oferecida na disciplina de artes. Este processo faz-se lento, em algumas regiões brasileiras, pela falta de professores com formação musical.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais da EJA para a disciplina Arte-Música 2000 se estabelece que o ensino de música esteja fundamentado em três eixos de aprendizagem, são eles: o fazer artístico, a apreciação e o contexto histórico. A musicalidade do aluno deve ser aproveitada. Geralmente o jovem e o adulto tem um repertório musical, é possível ampliar e organizar o conhecimento que o aluno traz. O Brasil é privilegiado pela sua variedade de gêneros musicais e ritmos; existe um grande leque de músicas a serem apreciadas, oriundas de várias regiões do mundo, de diferentes culturas e etnias.

Segundo os PCN de Arte-Música a contextualização diz respeito a localizar a obra musical no tempo, na história e no espaço geográfico. Esta contextualização pode ser feita nas esferas social, política e econômica, pois sendo construção histórica esta intimamente relacionada à condição do homem na sociedade, sua cultura e as oportunidades de expandir esta cultura. Refletir na escola sobre a questão da indústria cultural, (rádio, televisão, cinema, internet etc.) sua influência no consumidor, o poder que traz junto com a música “da hora” marcas de roupa, tênis, jeito de dançar, modo de se expressar etc.

Adorno (1995) nos convida a ter atitude de aprender a ser resistente e não aceitar o sistema imposto. Ao mesmo tempo precisa se adaptar neste mundo, mas sem perder a

resistência, abertura para refletir sobre a situação que se apresenta. A música pode ser um dos suportes para estas discussões; também pode ser uma forma das pessoas criarem vínculos afetivos e fortalecerem-se enquanto grupo.

4 CAMINHO QUE NOS CONDUZIU A ENCONTRAR ALGUNS DADOS ACERCA DAS DIFERENÇAS...

Para saber sobre os efeitos das diferenças socioeconômicas para os alunos da EJA, optou-se pelo método de pesquisa exploratória. Foi feito um levantamento de dados através de uma entrevista para os alunos responderem. De acordo com o autor GIL, entende-se por pesquisa exploratória: “[...] são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar uma visão geral, de tipo aproximado, acerca de determinado fato.” (GIL, 2006.p.44 apud ZWIEREWICZ, 2014, p.37). Temos também a definição de pesquisa exploratória citada por ZWIEREWICZ, 2014, p.25 “Almeja aumentar a intimidade do pesquisador com o problema de pesquisa no intuito de torná-lo mais claro ou auxiliar na construção das hipóteses”.

A abordagem qualitativa foi à escolhida para tratar os dados, pois se teve a pretensão de compreender a situação particular de cada entrevistado, suas crenças, valores, gosto musical e posicionamentos frente ao mundo, gerando situações ligadas a subjetividades de cada pessoa. Sendo assim a abordagem qualitativa “corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.” (MINAYO, 1992, p.23 apud ZWIEREWICZ, 2014, p.44).

Esta pesquisa foi realizada com um grupo de alunos da EJA do segundo segmento da E.B.M. José Amaro Cordeiro, localizada no bairro morro das pedras na cidade de Florianópolis. De uma população de 20 alunos, foram tirados uma amostra de 5 alunos para participarem da pesquisa. Foi solicitado pela coordenadora do curso da EJA, que entre os cinco alunos tivessem aqueles que já estão a mais de 1 ano na EJA e também aqueles que chegaram no início do semestre, a partir daí os estudantes se manifestaram em participar.

A técnica usada foi de entrevista semiestruturada, construída com 18 perguntas orientadoras, abrangendo três dimensões, são elas: averiguação de como o estudante se sente no seu papel de estudante; satisfação/insatisfação com o modelo de mundo e seu reflexo na vida do estudante; influência da mídia no seu gosto musical.

Durante a organização para a entrevista teve-se o cuidado ético em relação a participação dos estudantes. Foi elaborado um termo de livre consentimento para ser assinado

pelo entrevistado, sendo que o mesmo foi orientado a ficar livre para interromper a entrevista caso não se sentisse a vontade para responder as perguntas elaboradas pelo entrevistador.

5 VIVÊNCIA DO ESTUDANTE NAS RELAÇÕES COM A APRENDIZAGEM

Um dos objetivos desta pesquisa é averiguar como os estudantes se sentem no seu papel em sala de aula. Nas entrevistas constatou-se que todos se sentem a vontade para perguntarem sobre dúvidas. Relatam que os professores interagem de modo natural. Apenas um estudante relatou que, esta interação varia de professor para professor, na sua percepção existe também aquele professor que não se mostra preocupado com o aprendizado do aluno. Outro entrevistado manifestou que espera o professor falar sobre o assunto e depois ele dá seu ponto de vista. Esta realidade indica que existe na percepção da maioria uma relação de reciprocidade entre professor e aluno, um espaço de relações dialógicas, de acolhimento, de humanização. Nesta pesquisa não foi feita observação para comprovar as relações dialógicas.

A respeito das relações dialógicas Paulo Freire (2013) descreve sobre a importância da curiosidade epistêmica, de não “matar” esta curiosidade que é inerente ao ser humano. Todos aprendem uns com os outros e para que este aprendizado tenha fluidez é preciso existir uma consideração humana de um para com o outro. “Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro” (FREIRE, 2011. P.25).

O perfil cultural dos entrevistados é de classe popular. Apenas um dos cinco demonstrou ter tido diferentes experiências culturais proporcionadas pela família. Ele estudou até o sétimo ano do ensino fundamental na escola regular, interrompeu os estudos porque acompanhava os pais em viagem pelo Brasil. Este estudante já teve experiências de residir fora do Brasil também, fala inglês, e já trabalhou auxiliando jovens que iam fazer intercâmbio do Brasil para os EUA. Atualmente está desempregado.

Foi perguntado exclusivamente para o estudante citado acima, sobre a questão do preconceito em ser aluno da EJA (sabe-se que ainda existe o preconceito), no entanto ele declara não sentir este preconceito e considera que estar ali é prático, pois gosta do sistema da EJA, de sua estrutura de modo geral. Pretende continuar os estudos e prestar vestibular.

Quanto a capacidade de aprender, todos entrevistados sentem-se confiantes em sua capacidade de aprendizagem. Para Bourdieu (2009) a cultura herdada pela família é um fator

de grande relevância para o êxito do estudante, no entanto, nas entrevistas se percebe que mesmo aqueles que não tiveram oportunidades culturais mais relevantes dentro da família, sentem-se capazes para aprender.

Para o autor a posse do capital cultural favorece o êxito escolar. Observou-se que o entrevistado que teve uma cultura herdada mais elaborada, demonstra uma desenvoltura ao se expressar, sabe se colocar de modo claro, porém, quanto a questão da determinação, da garra de querer estudar, foi mais evidente esta qualidade, nos estudantes que enfrentam mais adversidades, aqueles que a vida cobra o esforço mais cedo e que ainda hoje tem este enfrentamento. Por este motivo não se deve valorizar apenas a questão do capital cultural em si, mas de alguma forma o conjunto todo de qualidades que cada um carrega, neste caso persistência e dedicação.

Os dois jovens de 15 anos que foram entrevistados, ambos trabalham e ajudam nas suas despesas pessoais e também dentro da família. O rapaz começou a trabalhar com 8 anos na pesca e atualmente ajuda o irmão e sabe muito bem o que fazer com o dinheiro que ganha na pesca, sua fala: *“Compro as coisas que gosto, penso que tem que saber investir o dinheiro”*. A moça de 15 anos trabalha desde os 12 anos como babá e também ajuda sua mãe no trabalho de limpeza geral. Quando perguntado se trabalhar lhe prejudica ela responde: *“Não prejudica, eu gosto de ocupar a minha cabeça para não pensar em outras coisas”*.

Paulo Freire (2011) entende a aprendizagem como possibilidade de transformação da realidade e não apenas de adaptação. Neste sentido um dos estudantes expõem que para sua aprendizagem ser efetiva, deveria ser oferecidas na EJA disciplinas (matéria) no segundo segmento. Para ele esta lacuna irá lhe faltar no ensino médio que pretende ingressar. Esta preocupação pode ser compreendida pelo fato de que tradicionalmente o modelo de escola é compartimentado, e que mesmo ele tendo a experiência de que a pesquisa é significativa, sente receio em não acompanhar o novo modelo no segundo grau.

Segundo os professores mais experientes da EJA, esta nova fase (ensino médio) é só uma questão de adaptação durante o primeiro e segundo bimestre. O estudante já compreende o caminho de como estudar, porém terá que ter disponibilidade de “lidar” com muitas informações, e esta condição lhe demanda tempo e dedicação pessoal.

Acredita-se ser interessante trazer as disciplinas com bases científicas como parte integradora no currículo da EJA, também no ensino fundamental. Estas, integradas as

experiências de vida que os alunos trazem, problematizando-as, trabalhando a realidade dos alunos de um modo sólido á luz da ciência, da investigação. Ao descobrir os motivos químicos, físicos, biológicos, sociológicos, filosóficos etc. vão-se construindo as explicações, os porquês do mundo. Por este caminho a consciência ingênua transforma-se em consciência crítica Paulo Freire (2011).

Em relação às dificuldades, elas variam entre os entrevistados. Apenas uma moça manifestou dificuldade em falar em público. Neste caso percebe-se que ela salienta tal questão porque para ela é importante vencer o medo de falar em público. Acredita-se que os demais também sintam este receio, apenas, não é tão evidente. Outra tem dificuldades em matemática, porém aponta facilidade em fazer patchwork (artesanato geométrico). Chama a atenção que ela própria entende que sua limitação é parcial, pois ela mesma explica ter facilidade em lidar com a questão da matemática a nível prático (recorte e arranjos dos tecidos). Esta realidade acontece muito na escola, existe um livro com o título Na vida dez, na escola zero (1995) que aborda a destreza na matemática por estudantes que trabalham em feira, marcenaria e outros locais, entretanto, na escola eles não tem êxito na matemática, devido ao formato escolar os alunos desacreditam do seu saber matemático.

No texto de Carrano (2007, p.64) o autor fala sobre o desafio que temos em construir uma unidade social, em uma sociedade tão marcada pelas diferenças e desigualdades pessoais e coletivas. No caso do coletivo da EJA do Morro das Pedras, temos esta diferença cultural entre os jovens, porque eles tiveram trajetórias diferentes, os pais dos estudantes viveram diferentes experiências. Igualmente vemos uma diferença na determinação, no posicionamento, no jeito de cada um enfrentar seu dia a dia. O autor coloca que mais importantes do que trabalhar conteúdos, informações (estes podem ser aprendidos em espaços diferentes que não a escola), seria:

Educar para que os sujeitos reconheçam a si mesmos e aos outros em esferas públicas democráticas. Escutar a si e ao outro se torna, portanto, a condição para o reconhecimento e a comunicação [...] Para escutar numa relação solidária é preciso, contudo, assumir a própria identidade, entrar em relação com a diferença e rejeitar as desigualdades que venham a configurar a constituição das coletividades humanas. (Carrano,2007, p.64)

Em relação à EJA possibilitar espaço para relatos da história de vida, dois estudantes ainda não falaram sobre sua história. Um deles diz: “*ainda não me sinto a vontade para falar no meio de todo mundo*”. Outros dois relatam ser importante este espaço e que já tiveram

oportunidade de falar sobre sua história de vida. Apenas um estudante foi contrário à questão de falar sobre a história de vida nas aulas da EJA, para ele não teria necessidade de fazer estes relatos familiares na escola; compreende que este momento é usado para falar dos problemas pessoais, e segundo ele a escola é lugar de estudo, e que para falar de problemas se busca um psicólogo. Este assunto é delicado, seria bom não dramatizar as histórias, ou seja, que elas sirvam para as pessoas se conhecerem, ficarem mais íntimas, se colocarem no grupo e trazerem a sua experiência como modo de dizerem quem são.

Das diferenças culturais entre professor e aluno, quatro entrevistados entendem que esta diferença existe; dois veem esta realidade com tranquilidade. Fala do estudante 1: *“Me sinto bem porque é com ele que eu aprendo”*. Fala do estudante 2: *“Não tenho problema de me comunicar, espero o professor falar o assunto dado e depois dou minha opinião”*; outro percebe que apesar desta diferença, entende que também ele como aluno pode trocar ideias com o professor partindo do que ele já conhece; um estudante percebe que tem uma grande diferença, mas sabe também que suas experiências pessoais lhe trouxeram um entendimento de valorização do que já conquistou; apenas um estudante não percebe muita diferença cultural entre ele e seu professor, na sua percepção, o professor não pode ter certas atitudes porque pode ser julgado por ser professor ex.: fumar, beber, etc.

Nas concepções de Paulo Freire (2011) existe dialogicidade verdadeira quando professor e aluno aprendem e crescem na diferença, respeitando-se mutuamente de modo que ambos sabem da sua incompletude, sendo que a consciência deste inacabamento os faz seres éticos. A seguir parte-se para análise dos dados relativo à aprovação ou não do modelo socioeconômico.

5.1 Influência do modelo socioeconômico na vida do estudante. Nível de satisfação ou insatisfação

Nesta pesquisa buscou-se conhecer a percepção que o estudante tem sobre o mundo do consumo, da propaganda, do impacto causado por esta política neoliberal que ao mesmo tempo em que dá “liberdade” as pessoas de inserção no mercado, as faz refém deste plano que divide e oprime cada vez mais as classes. É preciso fazer uma reflexão sobre os reflexos desta política na vida dos estudantes, levando-os a se reconhecerem nesta realidade fazendo parte deste mundo, sentindo-se na possibilidade de mudar padrões e comportamentos.

Em relação aos reflexos das diferenças cultural e econômica entre as pessoas, como esta diferença reflete para o estudante. Três entrevistados acham que esta diferença traz prejuízo para as pessoas. Um deles comenta que a diferença é muito grande, por isso é ruim. Outro acha que a diferença divide as pessoas em classe, não existe uma mistura e isto causa constrangimento e desconforto, na fala do estudante: “*É difícil um médico ser amigo de um pedreiro*”. E o último dos três comentou que muitas pessoas ficam endividadas no cartão de crédito para poderem comprar produtos que não tem condições de comprar, mas que querem ter o produto porque outros de melhor condição econômica têm.

Quanto aos outros dois estudantes, um deles percebe a diferença, mas não se incomoda. O outro manifestou que nunca havia pensado sobre esta diferença; esta diferença já é natural para ele, somente percebe que existe uma grande diferença entre o custo de vida e o valor do salário mínimo. Suponha-se que esta percepção seja por este estudante estar em condições socioeconômica superior aos colegas. No entanto ele tem esclarecimento de quanto uma pessoa precisa em termos econômicos para manter um padrão (boas condições de saúde, alimentação, escola, vestuário, lazer, viagem...) e então sabe que o salário mínimo não cobre ¼ destas despesas.

É preciso oportunizar espaços para desconstruir a “consciência ingênua” como Paulo Freire (2011) proferiu, para então construir relações onde à emancipação dos sujeitos aconteça, pela consciência crítica, levando os alunos a assumirem-se como sujeitos do seu processo de provocar mudanças, acreditar na possibilidade da mudança. Neste ponto é preciso mostrar para o estudante que a forma como o mundo esta estruturado colabora para que exista o domínio de uma classe sobre outra classe.

A questão cultural é fundamental nesta parte, a pessoa quando consegue se posicionar no mundo, ela passa a responsabilizar-se sobre suas atitudes e a partir disto passa também a cobrar o devido respeito das pessoas para com ela. “Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos [...]” (FREIRE, 2011 p.42).

Todos os entrevistados acham que a aquisição cultural é mais importante que a econômica, porém uma estudante hesita em escolher a cultural em primeiro lugar, porque segundo ela depende muito da circunstância, na sua fala: “*Bá... é um pouco de cada. Em questão de necessidade é o dinheiro, mas a cultura é mais importante*” na fala de outro

estudante, ele comenta: *“O dinheiro você não consegue ter a certeza de tê-lo permanentemente, quanto a cultura ela é sua conquista e é permanente”*.

Quanto a questão da propaganda e sua influência sob o estudante. Dos 5 entrevistados apenas 1 acha que não é influenciado por propagandas, ele diz saber que as ofertas anunciadas são incertas, não são verdadeiras. Os outros 4 já compraram por causa da propaganda. Dois estudantes admitem que se influenciam, são convictos desta influência, não falam da questão das propagandas serem enganosas, talvez por terem ambos apenas 15 anos. Outro tem uma leitura de que mesmo tendo a necessidade de um produto com menor custo, a propaganda já lhe influenciou a fazer uma aquisição de um produto com valor superior ao que podia pagar. O último dos 4 expressa que mesmo existindo um controle de gastos e ganhos na sua família, já foi influenciada a comprar um produto que não tinha necessidade por causa da propaganda e também para não ser diferente daquele que tem determinado produto, na sua fala: *“a gente se senti diferente se não tem aquele produto”*.

O quadro social e político do nosso país não leva em consideração o desenvolvimento humano. Não existe um interesse por parte do governo nacional e organismos internacionais, de incentivo a um modelo integral de educação, onde o centro está no desenvolvimento do homem emancipado, crítico e pensante; pelo contrário o interesse do governo, provedor da educação, está na fomentação do capital, no consumismo, no sucateamento das riquezas naturais, no aproveitamento do trabalho humano em benefício às classes dominantes, colaborando para a manutenção das diferenças entre as classes.

O mercado do consumo ilude as pessoas para acreditarem que a compra dos produtos lhe trarão status, darão à pessoa que o consome a imagem vendida que aquele produto anuncia. Nos estudos de (BITTENCOURT, 2014 p.69 apud HICKENBICK, 2014 p.24) questiona-se: *“Qual a sensação que uma pessoa economicamente inviável vivencia ao receber milhares de estímulos de consumo sem que seja, todavia, capaz de saciá-los?”*.

A respeito da sensação causada pelo estímulo do consumo, de 5 entrevistados 2 não opinaram. Outros dois se sentem muito mal quando não conseguem um produto que desejam (ambos têm 15 anos e como todos adolescentes têm muitos sonhos) um deles fica brabo com a situação e o outro com autoestima baixa. Outro estudante de 19 anos expõe que sempre procura conquistar o que quer, mas jamais vai ficar bravo porque não conseguiu comprar um

produto, prefere achar outras soluções para substituir o produto que necessita. Este estudante mostra ter um autocontrole, foi o mesmo que relatou sobre as facetas das propagandas.

O aumento da violência está diretamente ligado à insatisfação humana por não poder satisfazer aos estímulos que recebe em favor ao consumo. Se uma pessoa não tiver boa estrutura emocional aliada a valores de outra ordem que não os materiais, facilmente é tomada pelo desejo de comprar. Um dos entrevistados fez um comentário a este respeito: *“As pessoas se agriem por causa da falta de dinheiro, os filhos se revoltam. O exemplo está dentro das favelas, não tem comida, mas TV de 40 polegadas, celular.”* Adorno (1995) As pessoas são ideologicamente conduzidas; a massa que não pensa por si, é conduzida a pensar como a indústria quer.

O pesquisador Adorno (1995) se refere a um atraso da nossa civilização. Para este autor a prioridade na educação deveria ser a construção de meios para irmos contra a barbárie. Tudo que força o ser humano, oprime, tolhe a liberdade de escolher; desconsidera a individualidade de cada ser, é barbárie. Ir contra a barbárie seria ir contra ao que este sistema quer das pessoas, ser resistente, não se adaptar ao que está imposto, questionar o que o sistema propõe. Deve-se educar para questionar a mídia (televisão, rádio, internet propagandas, imprensa etc.) refletir sobre a intenção por traz da informação.

Quanto a questão de estarem satisfeitos ou insatisfeitos com o modelo de mundo. Dos 5 entrevistados apenas 1 mostra-se satisfeito com o modelo de mundo que temos hoje, este estudante expõem que não vivemos nas melhores condições possíveis mas que ele como pessoa não pode fazer muita coisa.

Percebe-se que o estudante acima citado é o que possui melhor condição sociocultural, talvez ainda não tenha sentido um tipo de “prejuízo” por estar morando ainda na casa dos pais, e depender dos mesmos. Os demais estão insatisfeitos. Fala de um deles: *“insatisfeita pela questão financeira, tratamento das pessoas, direitos que não são cumpridos. Todos os seres humanos são iguais e deveriam ter as mesmas condições”*. Fala de outro: *“Mais ou menos satisfeito porque no mundo hoje tem que ficar esperto, tem gente que estupra criança, tem tráfico, sequestro e por aí”*. Fala de outro: *“Não porque a diferença que existe entre as classes e a oportunidade de melhorar de vida é muito desigual”* e para finalizar o outro diz: *“ainda falta muito para ser um modelo, não me sinto segura, tem assalto o futuro agente não sabe”*.

Na educação, a nível nacional temos uma política educacional que prepara para a fomentação do modelo de trabalho alienante e muito longe de desenvolver o ser humano de modo integral. Deste modo temos um resultado negativo da política neoliberal, pois a mesma gera uma série de problemas sociais, sendo o desemprego, a violência e a instabilidade na vida da maioria das pessoas uma realidade. A seguir procura-se identificar se existe uma influência da mídia no gosto musical dos alunos.

5.2 Influência da mídia na preferência musical dos estudantes

Nesta pesquisa buscou-se averiguar a influência da mídia no gosto pessoal dos estudantes. A este respeito, todos os estudantes são unânimes em dizer que só escutam se gostam da música, caso contrário trocam de canal, ouvem aquilo que realmente lhes interessa ouvir. Percebe-se que esta fala é ingênua, pois se sabe que involuntariamente somos atraídos e influenciados pelos estímulos que recebemos, porque a grande maioria dos brasileiros não tem um comportamento crítico em relação ao que ouvem. Não se conseguiu constatar a influência da mídia no gosto musical dos estudantes. Conclui-se que para saber este aspecto seria necessário um aprofundamento na pesquisa na investigação dos meios de comunicação utilizados pelos estudantes por aonde chegam às músicas.

Sabe-se que as empresas quando patrocinam um produto de arte (aqui tratamos especificamente da música) não levam em conta seu valor artístico, estão preocupadas com os lucros obtidos. No mercado da moda, não existe ética, nem critério se a obra tem qualidade artística ou não, o que importa é o retorno financeiro para o mercado. Para este mercado foi criado o termo “Indústria Cultural”, expressão cunhada por Theodor Adorno e Max Horkheimer escrito na obra com o título Dialética do Esclarecimento. “A expressão “indústria cultural” significa que as obras de arte são mercadorias, como tudo que existe no capitalismo” (CHAUI, 2011, p.361).

A respeito do hábito de ouvir música, todos os entrevistados gostam de música. O meio mais usado para ouvir música é o rádio via celular. Dos 5 estudantes 4 ouvem música no celular; 2 estudantes ouvem música também no aparelho elétrico (rádio FM, Band, Jovem Pan, Atlântica, Regional); 1 estudante baixa músicas no pendrive (hinos evangélicos); 1 estudante ouve música no ipad e no computador.

A indústria da venda de celulares tem um crescimento impactante.

O Brasil vendeu entre os meses de julho e agosto de 2014 um total de 12 milhões de aparelhos de celular, de acordo com a consultoria IDC Brasil. Destes, 9,1 milhões são smartphones (...) e 2,9 milhões de celulares (...) mais de 90% tem sistema operacional androide. (<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014>)

Quanto aos gêneros musicais os estudantes preferem: O gênero mais ouvido entre os entrevistados (60%) é o Rap. Segundo os estudos de Oliveira (2010) a palavra Rap significa ritmo e poesia. Esta expressão cultural surgiu na dec. de 60 nas comunidades negras dos EUA. As letras das músicas contam as dificuldades das pessoas que moram nas periferias, em especial os negros e mestiços. O Rap faz parte do movimento cultural Hip Hop, assim como também o break constituído na dança e o grafite no desenho.

Em segundo lugar os gêneros escolhidos pelos entrevistados foram: Rock, Reggae e Funk, 40% dos entrevistados curtem estes gêneros. Um dos entrevistados citou a banda Dazaranha (banda da cidade de Florianópolis com repercussão nacional) seu estilo faz uma junção do Reggae e Rock. Na história da música brasileira, temos um gênero musical relevante: O **Rock brasileiro** (mais conhecido no Brasil como **rock nacional**) teve início no final da década de 1950, popularizou-se na década de 1980.

Na matéria de capa da revista National Geographic (março 2015) questiona-se o Funk carioca ser Cultura ou Crime – o mundo proibido dos bailes nas favelas. Na matéria é feita uma analogia entre o Funk Carioca e o Samba. Como o samba a 100 anos atrás foi proibido nos morros e subúrbios cariocas, o mesmo acontece hoje com o Funk.

A proibição dos bailes Funk surge da mistura do preconceito da sociedade pelo apelo sensual que provoca, pela questão do tráfico de drogas e do confronto com a polícia. Este gênero hoje é o símbolo musical carioca, tomou proporções em todo país e anima festas de adolescentes e adultos de todas as camadas sociais. Este dado é significativo, o funk não está só nas favelas, ele chegou aos aparelhos celulares e festas de todas as camadas sociais.

Em terceiro lugar os gêneros musicais escolhidos pelos entrevistados estão: Sertanejo, Sertanejo de raiz, sertanejo universitário, Indie Folk, Blues, Jazz e Gospel, 20% dos entrevistados apreciam estes gêneros musicais. É notório, não haver nas preferências de todos os entrevistados o gênero samba e seus derivados como o pagode, tipicamente brasileiros. O gênero genuinamente brasileiro citado foi o Sertanejo (apenas 20%).

Com os avanços dos estudos culturais na área da sociologia, o conceito de cultura foi ampliado, no sentido de que todas as experiências que um grupo social vivencia, tem um valor, tem um porque, tem uma causa de ser assim do jeito que é, e deve ser respeitado. O que podemos fazer como professores é ampliar visões de mundo, mostrando diferentes culturas, outras possibilidades de vida e de valores. “Sob a ótica dos Estudos Culturais, todo conhecimento, na medida em que se constitui num sistema de significação, é cultural” (SILVA, 2000 p.139).

Nesta pesquisa constatou-se uma riqueza na variação das preferências musicais dos entrevistados, isto se deve ao fato de terem diferentes oportunidades culturais em relação a família e vivências sociais. Dentro dos gêneros Rock, Reggae, Funk, Rap e Gospel foram citados por eles os nacionais e internacionais. A princípio parecia ter uma influência Americana, mas não consegui comprovar, porque ao perguntar especificamente da música brasileira, eles citavam exemplos de músicas também nacionais.

O gênero MPB foi citado por apenas um dos entrevistados, isso porque se questionou para este entrevistado especificamente: “E a MPB, qual o seu gosto?”. Então ele citou Rita Lee, Cazuza, Kid Abelha. O gênero MPB ficou mais conhecido entre os estudantes universitários e intelectuais da década de 70/80 e 90. Pode ser que os pais deste estudante tenham o hábito de ouvir MPB.

Percebe-se que a abertura para apreciação de diferentes gêneros musicais incluindo os genuinamente brasileiros, não requer apenas de acesso à internet. O hábito de apreciar diferentes gêneros musicais é uma prática que pode acontecer na sala de aula. Atualmente com a amplitude oferecida pela tecnologia, não podemos ficar restritos à apreciação da música brasileira, porém sua riqueza de ritmos nas manifestações populares e gêneros musicais não podem ser esquecidos.

Quanto à formação do aluno, o ensino de música pode contribuir na expressão e construção da identidade. De acordo com o pesquisador Moreira: “Nossa identidade (...) não é uma essência, não é um dado, não é fixa, não é estável, nem centrada, nem unificada, nem homogenia, nem definitiva. É contraditória, inconsciente, inacabada.” (MOREIRA, p.42, 2008).

De acordo com Moreira (2008) constantemente estamos nos refazendo, e este refazer pode ser alimentado nas relações sociais que vamos construindo na escola, e aqui entra a

música como componente de inclusão social, na valorização do gosto musical dos estudantes. Por meio da música podemos ampliar sua visão de mundo, despertando sentimentos de valorização a vida, ao respeito pela cultura dos diferentes povos, presente nas danças, nos cantos, ritmos e festas típicas. A partir da música podemos construir um elo para o conhecimento do ser humano e dos seus valores.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desta pesquisa, constatou-se que o objetivo principal de promover discussões na EJA a respeito das diferenças socioeconômicas e culturais na sociedade, foi alcançado. Ao entrevistar os cinco estudantes do segundo segmento da EJA da E.B.M. José Amaro Cordeiro, percebeu-se que quatro deles, estão conscientes das injustiças e diferenças de oportunidades entre as pessoas na sociedade. Compreende-se que são conscientes da situação porque desde muito cedo enfrentaram e ainda enfrentam situações adversas.

Os estudantes com poucos recursos financeiros tem consciência que este modelo socioeconômico não esta servindo para suas vidas. Estão insatisfeitos, são evidentes os problemas sociais que os entrevistados elencam decorrentes deste sistema. Fala de um entrevistado. *“As pessoas se agriem por causa da falta de dinheiro, os filhos se revoltam. O exemplo está dentro das favelas, não tem comida, mas TV de 40 polegadas, celular.”*

Este trabalho contribuiu para saber que existem espaços na EJA onde os estudantes sentem-se acolhidos no grupo de estudos. Locais onde alguns professores reconhecem o conhecimento e a história de vida da pessoa. Lugar onde os estudantes sentem-se capazes de aprender. Também serviu como uma forma de denunciar o sistema, o governo, diante dos estímulos ao consumo, levando-os muitas vezes a busca incontrolável da compra. Muitas vezes a evasão na EJA se deve a questão econômica. As demandas e incentivos sociais ao *ter* são muito maiores se comparadas a questões da valorização do *ser*, dos valores, da ética, da sabedoria, do desenvolvimento humano.

A música entrou na pesquisa como objeto de estudo, porque pode ser um recurso valorizado para unir e confraternizar as pessoas. Como era de se esperar todos apreciam a música, ela faz parte dos momentos diários de cada um. Não foi possível comprovar a influência da mídia no gosto dos estudantes, porém foi significativa a variedade de gêneros musicais que este grupo de estudantes apresentou como referência musical para pesquisa. Este fato é justificado pelas diferentes oportunidades culturais vivenciadas pelos estudantes.

Em relação ao modelo de mundo acredita-se que este, como diz uma entrevistada, não é um modelo, não deseja desenvolver o homem na sua integridade, a busca é outra. Porém talvez por mais contraditório que seja este modelo, ele pode permitir falar sobre a verdade. Pode-se juntar pessoas que pensam em uma causa comum na busca do compromisso social com a ética, com um modelo de trabalho mais justo e mais humano, que valoriza a vida em primeiro lugar. Que não valorize as desigualdades, porém, pluralize as diferenças nas formas de ser de cada ser humano, obra singular da natureza.

Constata-se que para haver transformações sociais, é necessário que se crie espaços de discussão nos grupos da EJA, onde sejam questionadas estas diferenças socioeconômicas e culturais na sociedade. É preciso trabalhar para que os estudantes tenham o hábito de questionar no grupo os acontecimentos diários que denunciam as situações que violam seus direitos. Espaços onde o desenvolvimento humano e a valorização da vida estão em primeiro plano. Da mesma forma, precisam organizar-se, para cada vez mais aperfeiçoarem seus argumentos diante das injustiças que os levam a exclusão dos direitos conquistados na lei.

Para que o estudante tenha êxito no seu percurso de emancipação, é necessário fortalecer sua identidade, fazer-se um sujeito histórico, que se assume como pessoa neste processo de emancipação. Desta maneira esta pesquisa pode estar aberta aos estudos da formação e fortalecimento da identidade dos adultos que estão a caminho da emancipação.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. Tradução Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação e da Pedagogia Geral e do Brasil**. 3ª ed. São Paulo: Moderna, 2006.

BRASIL, IDC Brasil vende 12 milhões de celulares entre julho e agosto. 16/10/2014 17h07 - Atualizado em 16/10/2014 17h07. Acesso em 2 de abril de 2015. <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/10/brasil-vende-12-milhoes-de-celulares-entre-julho-e-agosto-diz-idc.html>

BRASIL, Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf> Acesso em 22 de jan. 2015.

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais. Arte na Educação de Jovens e Adultos.** Brasília, 2000 http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/eja_arte.pdf. Acesso em 22 de janeiro de 2015.

BRASIL, Ministério da Educação. **Resolução CNE/CEB nº 1, de 5 de julho de 2000 Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos.** <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB012000.pdf> Acesso em 22 de jan. 2015.

CARRANO, Paulo. **Educação de Jovens e Adultos e Juventude: o desafio de compreender os sentidos da presença dos jovens na escola da “segunda chance”.** Revej@ revista de Educação de Jovens e Adultos v.1 ago. 2007.

CASTRO, Mauricio Barros. **Funk in Rio – Cultura ou rime? O mundo proibido dos bailes das favelas.** National Geographic Brasil. São Paulo, ed. 180 p.28 – 43 março de 2015.

CHAUI, Marilena **Convite à Filosofia**, 14ª ed. São Paulo SP Editora Ática S.A, 2011.

COAN, Marival Apostila do curso de especialização em Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA **Formação Profissional e Politecnia.** Florianópolis: IFSC, 2014.

FREIRE, Paulo **À Sombra desta Mangueira.** 11. ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra 2013.

FREIRE, Paulo **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo Paz e Terra, 2011.

GETTLEMANN, Jeffrey O Custo da Tecnologia. National Geographic Brasil. São Paulo, ed. 125 anos Edição de Colecionador p.44 – 61, outubro de 2013.

GONÇALVES, Rita de Cássia Pacheco Apostila do curso de especialização em Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA **Processos Pedagógicos para Permanência e Êxito.** IFSC 2014.

HICKENBICK, Claudia; FELÁCIO, Rafael Matos Apostila do curso de especialização em Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA **Economia Solidária e Arranjos Produtivos Locais**. IFSC 2014.

MOREIRA. A.F. e CANDAU. V.M. **Multiculturalismo** Petrópolis, RJ: Vozes 2008.

NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Claudio M. Martins **Bourdieu & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

OLIVEIRA, C.V. **O Rap em uma abordagem socioeducacional**. AJES – Instituto Superior de Educação do Vale de Jurema Letras Português/Inglês respectivas Literaturas Juína 2010.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem**. Trabalho apresentado na XXII Reunião Anual da ANPEd, Caxambu, setembro de 1999.

SCHILIEMANN, Ana Lúcia Dias. **Na vida dez, na escola zero**. 10. Ed. São Paulo: Cortez, 1995.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade Uma introdução às teorias do currículo**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

ZWIEREWICZ, Marlene Apostila do curso de especialização em Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA **Seminário de Pesquisa e Intervenção I** Florianópolis: IFSC, 2014.

ZWIEREWICZ, Marlene Apostila do curso de especialização em Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA **Seminário de Pesquisa e Intervenção II** Florianópolis: IFSC, 2014.

ⁱ Sandra Kellermann - Instituição de trabalho: E.B.M. Dilma Lúcia dos Santos - Cargo: Professora de Educação Musical - Formação: Educação Artística - Hab. Música UDESC . Atualmente cursa a 5ª fase de Pedagogia UDESC. Contato: Sandra_kellermann@Hotmail.com

ⁱⁱ Lidiane Soares – Formada em Pedagogia pela Católica de Santa Catarina, Especialista em Interdisciplinaridade pela UNIVILLE e Mestre em Educação pela Universidade Regional de Blumenau – FURB.